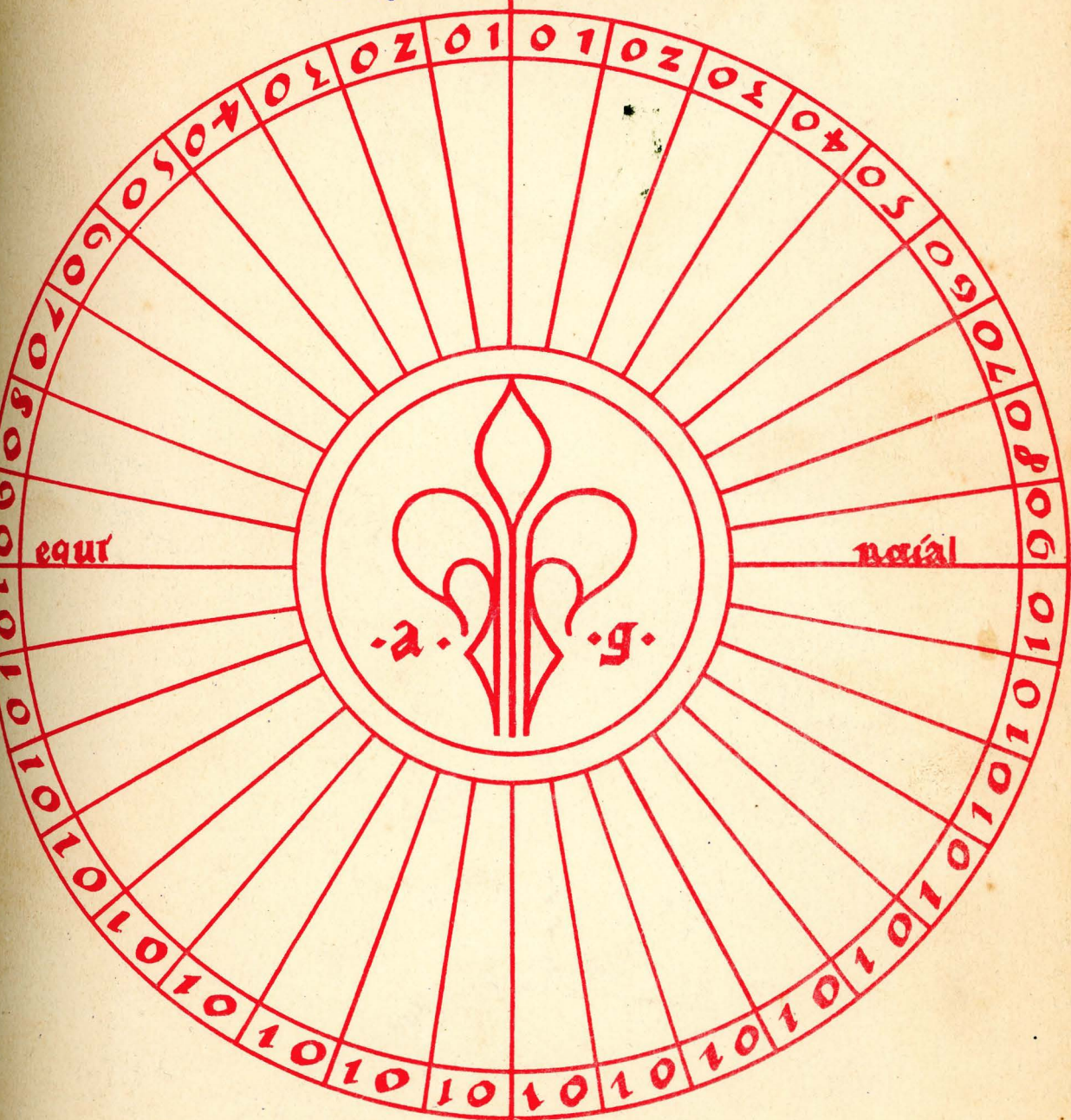


RUMO



Revista de Cultura Portuguesa

Sumário do n.º 2

ENSAIOS E ESTUDOS

	Pág.
Luís Cabral de Moncada – <i>Teoria e Ideologia em Política</i>	159
João de Castro Osório – <i>Condições históricas da criação original da Literatura Portuguesa.</i>	175
Eudoro de Sousa – <i>Origem da Poesia e da Mitologia no drama ritual.</i>	201
Madalena da Camara Fialho – <i>Os conceitos de império e o imperialismo português</i>	222
Luís Chaves – <i>O culto português da Virgem Maria.</i>	241

TEXTOS FILOSÓFICOS

Martin Heidegger – <i>Da essência da Verdade</i>	254
--	-----

NOTAS – COMENTÁRIOS – CRÍTICA DE LIVROS

<i>Martin Heidegger.</i>	274
<i>Um género a ressuscitar: o livro da família</i>	278
<i>Notícias da actividade política de D. João V</i>	281
<i>Paideuma, puideia, paidia</i>	285
<i>Um grande poeta lirico: Cabral do Nascimento</i>	293
<i>O Portugal pombalino na opinião de um «europeu» «filósofo» e aventureiro</i>	301
<i>A cosmovisão da Física moderna.</i>	306

por Mário de Albuquerque, Ferreira de Almeida, António José Brandão,
João de Castro Osório e Delfim Santos

A COSMO-VISÃO DA FÍSICA MODERNA

E DITADO pela Livraria Atlântida, de Coimbra, muito bem traduzido pelo Prof. Cabral de Moncada, apareceu recentemente, com o título: «Para uma concepção física do Universo», o livro de Karl von Weizsäcker, *Zum Weltbild der Physik*, publicado em Leipzig no ano de 1944.

Reuniram-se neste livro cinco ensaios dedicados aos problemas mais recentes da física contemporânea. O primeiro ensaio, intitulado «A física actual e a imagem física do mundo», revela-nos a par do homem de ciência, fortemente integrado na sua especialidade, também o filósofo especulando sobre o significado, para a nossa cultura, da destruição, realizada pela física moderna, da visão do mundo transmitida pela física clássica. Não são, é claro, os factos sobre os quais assentava a física clássica que são considerados falsos; o que se mostrou falso e insuficiente para a elaboração da nova visão do mundo em construção foi a "forma de pensamento", típica daquela e imprópria para esta. O conceito de totalidade e a sua aplicação à física moderna é discutido em forma muito sugestiva pelo autor, que reconhece também a insuficiência na biologia dos métodos da física clássica.

No segundo ensaio, com o título "A teoria atômica da física moderna", é comprovado e verificado o valor dos pressupostos mais gerais da nova física, quais os seus efeitos ou consequências na elaboração da ciência em geral, e ainda o seu sentido para uma nova teoria do conhecimento. O problema da "existência do átomo", da sua organização, da forma de "vidência" que ele exige, e a evolução do seu conceito ao longo da história são tratados pelo autor com a competência que fundamenta o seu prestígio de especialista.

No terceiro ensaio é tratado o problema da "conservação da energia" na física clássica e na física moderna; das relações entre a energia e a casualidade na física quântica, esclarecendo a propósito algumas dificuldades postas em relevo nos últimos tempos. De intenção mais filosófica, e notável pela atitude do autor

perante os problemas da teoria do conhecimento, e o quarto ensaio com o título "A relação da mecânica quântica com a filosofia de Kant". Depois de uma breve e clara exposição da mecânica quântica, é discutido o conceito de "vidência" (*Anschaulichkeit*) que lhe é próprio; a casualidade que lhe corresponde, e a forma de objectivação que lhe é adequada. O realismo na física clássica, o sensualismo e o positivismo, e ainda o problema do apriori, são tratados de maneira perfeitamente indicativa das possibilidades do autor e do seu interesse na busca de uma nova forma de pensamento, adaptada às consequências a que a física moderna obrigou a especulação filosófica.

O quinto e último ensaio "A infinitude do mundo" mostra, como os anteriores, a sólida preparação filosófica do autor que, sendo um dos maiores físicos da actualidade, foi levado a admitir e a fundamentar a íntima correlação da sua ciência com a filosofia, e não pretende — o que hoje aliás já não seria fácil admitir-se — uma física sem pressupostos de natureza metafísica, como pretendeu outrora o positivismo. Neste último ensaio trata o autor do valor e do sentido da simbólica na ciência nas diferentes épocas históricas, terminando por uma esclarecedora crítica à noção do infinito. A crise actual da física é, segundo as suas ideias, resultante da aplicação, num universo teòricamente estruturado pela ideia de infinito, — como é o nosso — de noções originadas numa concepção finita do universo, como foi a dos gregos, e continua sendo a do senso comum. Este ponto de vista na diagnose da crise motivada pela transposição de noções é de grande interesse e fecundidade.

DELFIN SANTOS